The background is a dark olive green color. At the top, there are several thin, white, curved lines that sweep across the upper portion of the page, resembling stylized grass or abstract brushstrokes. On the right side, there is a large, curved, lighter olive green shape that partially overlaps the main background.

SOCIEDADE DE  
**CULTURA**  
ARTÍSTICA

TEMPORADA  
**2001**

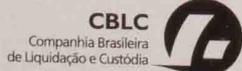
**Quarteto Prazak**  
*Cordas*



Durante o espetáculo, favor não fumar, não fotografar e

## NÃO COMENTAR

sobre o mercado de ações com a pessoa ao lado.



Companhia Brasileira  
de Liquidação e Custódia

**BOVESPA**  
Bolsa de Valores de São Paulo

É com grande orgulho que, mais uma vez, patrocinamos a Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.

SOCIEDADE DE  
CULTURA  
ARTÍSTICA  
TEMPORADA  
2001

# Quarteto Prazak

LEI DE  
INCENTIVO  
À CULTURA



MINISTÉRIO  
DA CULTURA

apoio  
institucional

Prefeitura do  
Município  
de São Paulo  
Lei 010923/90

promoção



patrocínio

**BOVESPA**  
Bolsa de Valores de São Paulo

CBLC  
Companhia Brasileira  
de Liquidação e Custódia



*Telefonica*

**Votorantim**



# Quarteto Prazak

**Vaclav Remes** *violino*

**Vlastimil Holec** *violino*

**Josef Kluson** *viola*

**Michal Kanka** *violoncelo*

**A** crítica especializada não tem economizado adjetivos para elogiar o Quarteto Prazak: "Luminosos e opulentos. [...] Os membros do Quarteto tocam com lirismo e brilho, com uma sincronia absolutamente natural. [...] Várias vezes a música adquire uma fisicalidade tridimensional" (*The Philadelphia Inquirer*); "Notável. [...] Extraordinário. [...] Uma experiência vívida e comovente. [...] Uma execução irresistível" (*The Dallas Morning News*); "Sonoridade quente e bem torneada. [...] O tipo de virtuosismo que não chama a atenção para si mesmo, mas deixa o ouvinte seguro de que a música está em mãos competentes" (*The New York Times*); "Próximo do ideal" (*BBC Music Magazine*); "O excelente senso de ritmo do Prazak e a meticulosa atenção que ele dá à dinâmica aliam-se a um alto nível de entendimento musical. Especialmente convincente. [...] Lindamente equilibrado. Esplêndido" (*Gramophone*).

O Quarteto Prazak foi fundado em 1972, quando seus integrantes ainda eram alunos do Conservatório de Praga. Graças a seu virtuosismo

e a sua extraordinária qualidade musical, muito depressa o grupo consagrou-se como um dos mais dignos representantes da inigualável tradição tcheca da arte do quarteto de cordas. Em 1974, o Quarteto Prazak conquistou o Primeiro Prêmio do Concurso de Música de Câmara do Conservatório de Praga, e no ano seguinte, ao apresentar-se no Festival da Primavera de Praga, daria início a sua carreira internacional. Em 1978, o conjunto foi agraciado com o Primeiro Prêmio do Concurso de Quarteto de Cordas de Evian, bem como com o Prêmio Especial da *Radio France*, pela melhor gravação do certame. O Quarteto conquistou também vários outros prêmios em concursos da antiga Tchecoslováquia, dentre os quais se destaca o Grande Prêmio do Concurso Internacional de Quartetos de Cordas de Praga, em 1979.

Ao longo dos últimos quase trinta anos, o Quarteto Prazak tem sido aplaudido nas mais importantes salas de música de Praga, Paris, Amsterdã, Bruxelas, Milão, Veneza, Madri, Sevilha, Londres, Berlim, Dresden, Frankfurt e Munique. Na América do Norte, o Prazak já se apresentou em Nova Iorque – no *Carnegie Hall* e no *Lincoln Center* – e em Los Angeles, São Francisco, Dallas, Houston, Washington, Filadélfia, Miami, St. Louis, New Orleans, Berkeley, Cleveland, Tucson, Denver, Buffalo, Vancouver, Toronto e Montreal. O grupo também tem sido convidado para participar de alguns dos mais prestigiosos festivais internacionais de música, como o *Bregenzer Festspiele*, o *Schleswig-Holstein Musik Festival*, o Festival de Schwetzingen e

o *Gutman Festival*, eventos nos quais os integrantes do Quarteto Prazak já tiveram oportunidade de tocar com artistas como Menahem Pressler, Cynthia Phelps, Roberto Diaz, Josef Suk e Sharon Kam.

A discografia do Quarteto Prazak, que há algum tempo grava com exclusividade para o selo Praga/*Harmonia Mundi*, abrange diversos títulos, bem como gravações realizadas para redes radiofônicas na França, na Alemanha, na Holanda e na República Tcheca. Dentre os grandes mestres da música que tiveram seus quartetos para cordas registrados pelo Prazak destacam-se Beethoven (Quartetos *opus* 59, n<sup>os</sup> 1–3, e *opus* 132 e 135), Berg (Quarteto *opus* 3), Webern (Quarteto *opus* 28), Dvorák (Quartetos *opus* 105 e 96 e Quartetos n<sup>os</sup> 10, 12 e 13), Haydn (Quartetos *opus* 76, n<sup>os</sup> 4–6, vol. 2), Janacék (Quartetos n<sup>os</sup> 1 e 2), Mozart (Quartetos K.575, 589 e 590), Schoenberg (Quartetos n<sup>os</sup> 1 e 2), Schubert (Quartetos n<sup>os</sup> 13 e 14), Smetana (Quartetos n<sup>os</sup> 1 e 2) e Zemlinsky (Quartetos n<sup>os</sup> 1 e 4).

Os integrantes do Quarteto Prazak tocam nos seguintes instrumentos: Vaclav Remes – violino Lorenzo Guadagnini, *circa* 1730; Vlastimil Holec – violino Tomás Pilar, 1995; Josef Kluson, viola Tomás Pilar, 1985; Michal Kanka, violoncelo Giovanni Grancino, 1710 (da coleção do Estado Tcheco).

**Série Branca**

*9 de julho, segunda-feira, 21h*

Joseph Haydn (1732 – 1809)

**Quarteto em Ré maior opus 64, nº 5,  
Hob. III.63 – A Cotovia**

Allegro moderato

Adagio cantabile

Menuet (Allegretto)

Vivace

Alexander von Zemlinsky (1871 – 1942)

**Quarteto de Cordas nº 1,  
em Lá maior, opus 4**

I – Allegro

II – Allegretto

III – Largo e intenso

IV – Vivace

*intervalo*

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

**Quarteto nº 15, em Lá menor, opus 132**

Assai sostenuto – Allegro

Allegro ma non tanto

Heiliger Dankgesang eines Genesenen na di Gottheir,  
in der lydischen Tonart – Molto adagio  
(*Cântico de reconhecimento oferecido à Divindade por  
um convalescente, no modo lídio – Molto Adagio*)

Neue Kraft fühlend – Andante  
(*Novos sentimentos – Andante*)

Alla marcia, assai vivace

Allegro appassionato

**Série Azul**

*10 de julho, terça-feira, 21h*

Joseph Haydn (1732 – 1809)

**Quarteto em Ré maior opus 64, nº 5,  
Hob. III.63 – A Cotovia**

Allegro moderato

Adagio cantabile

Menuet (Allegretto)

Vivace

Alexander von Zemlinsky (1871 – 1942)

**Quarteto de Cordas nº 1,  
em Lá maior, opus 4**

I – Allegro

II – Allegretto

III – Largo e intenso

IV – Vivace

*intervalo*

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

**Quarteto nº 15, em Lá menor, opus 132**

Assai sostenuto – Allegro

Allegro ma non tanto

Heiliger Dankgesang eines Genesenen na di Gottheir,  
in der lydischen Tonart – Molto adagio  
(*Cântico de reconhecimento oferecido à Divindade por  
um convalescente, no modo lídio – Molto Adagio*)

Neue Kraft fühlend – Andante  
(*Novos sentimentos – Andante*)

Alla marcia, assai vivace

Allegro appassionato

**Série Verde**

**11 de julho, quarta-feira, 21h**

**Bedrich Smetana** (1824 – 1884)

**Quarteto nº2, em Ré menor**

I – Allegro

II – Allegro moderato

III – Allegro non più moderato, ma agitato e con fuoco

IV – Presto.

**Leos Janacek** (1854 – 1928)

**Quarteto de Cordas nº 2 –  
Cartas Íntimas**

Andante

Adagio

Moderato

Allegro

*intervalo*

**Antonín Dvorak** (1841 – 1904)

**Quarteto para Cordas nº 12,  
em Fá maior, opus 96 – Americano**

Allegro ma non troppo

Lento

Molto vivace

Vivace ma non troppo

***Próximos Concertos***

Sala São Paulo

**Orquestra Filarmônica de Israel**  
**Zubin Mehta** *Regente*

**Concertos Amarelos** 5 de agosto

Beethoven – Sinfonia nº 1

Mahler – Sinfonia nº 5

**Concertos Vermelhos** 6 de agosto

Mozart – Sinfonia nº 35, Haffner

Schoenberg – Sinfonia de Câmara nº 1

Schubert – Sinfonia nº 9, A Grande

SOCIEDADE DE  
CULTURA  
ARTÍSTICA

TEMPORADA  
**2001**

abril 23, 24 e 25 Teatro Cultura Artística  
**Coro e Orquestra do  
Festival de Ludwigsburg**  
**Wolfgang Gönnenwein** *Regente*

maio 8 e 9 *Sala São Paulo*  
**Concerto Copenhagen e Coro  
da Capela Real de Copenhagen**  
**Ebbe Munk** *Regente*

maio 28 e 29 *Sala São Paulo*  
**Dezsö Ranki e Edit Klukon** *Pianos*

junho 19 e 20 *Sala São Paulo*  
**Orquestra Filarmônica de Nova Iorque**  
**Kurt Masur** *Regente*  
**Christine Brewer** *Soprano*

junho 25, 26 e 27 Teatro Cultura Artística  
**Ute Lemper**

julho 9, 10 e 11 Teatro Cultura Artística  
**Quarteto Prazak** *Cordas*

agosto 5 e 6 *Sala São Paulo*  
**Orquestra Filarmônica de Israel**  
**Zubin Mehta** *Regente*

agosto 13, 14 e 15 Teatro Cultura Artística  
**Hesperion XXI**  
**Jordi Savall** *Regente*

agosto 27, 28 e 29 Teatro Cultura Artística  
**Il Giardino Armonico**  
**Giovanni Antonini** *Regente*

outubro 8, 9 e 10 Teatro Cultura Artística  
**Camerata Bern**  
**Heinz Holliger** *Oboé*

outubro 23, 24 e 25 Teatro Cultura Artística  
**Orquestra Sinfônica da Rádio de Berlim**  
**Marek Janowski** *Regente*  
**José Feghali** *Piano*

Sociedade de Cultura Artística  
Rua Nestor Pestana, 196 Telefone (5511) 256 0223  
www.culturaartistica.com.br e mail: cultart@dialdata.com.br

**Joseph Haydn** (1732 – 1809)

*Quarteto em Ré maior opus 64, n.º 5,  
Hob. III.63 – A Cotovia*

Se não foi o único inventor do gênero quarteto de cordas, glória que ele reparte com Boccherini, Haydn levou-o às primeiras culminâncias criativas, oferecendo assim exemplos modelares ao amigo Mozart e ao aluno Beethoven. De toda sua vasta obra, são os quartetos o que melhor espelham tanto o seu lado humano quanto a sua personalidade artística. Seus quartetos de cordas constituem a mais completa crônica do seu crescimento enquanto compositor, na medida em que se espalham por meio século da sua biografia criativa. Pesquisas recentes atribuem a Haydn sessenta e oito quartetos de autoria indiscutível.

O Quarteto em Ré Maior *opus 64, n.º 5*, Hob.III.63, conhecido como A Cotovia, é de 1790. Esse que é possivelmente o mais ouvido dos quartetos de Haydn deve seu apelido ao lindo tema que domina o seu *Allegro moderato* inicial. Cercado por outros motivos também muito encantadores, ele é aí empregado em uma engenhosa forma-sonata. O *Adagio cantabile* que vem em seguida é construído em forma-*lied* (esquema A – B – A). Dono de grande beleza melódica, ele igualmente possui uma expressão muito intensa e cativante. O *Menuet* marcado *Allegretto* prefigura, por seu vigor algo camponês, os *scherzi* do seu discípulo Beethoven. Depois do Trio, em contrastante Ré menor, o minueto é reprisado, mas de forma variada e coroado com uma extensa coda. O movimento final, *Vivace*, também de estrutura tripartite, é um movimentado moto perpétuo que, às tantas, dá lugar a uma intrincada, mas não isenta de humor, passagem que emprega o antigo procedimento do fugato barroco.

**Alexander von Zemlinsky** (1871 – 1942)

*Quarteto de Cordas n.º 1,  
em Lá maior, opus 4*

Filho de pais poloneses, o austríaco Alexander von Zemlinsky foi figura importante no panorama da Viena do *Jugendstil*, o ramo local da estética *art nouveau*. Estudou na capital de seu país e em Leipzig, adquirindo um saber enciclopédico. Artista de qualidades reconhecidas por Brahms, na juventude, mais tarde ele se tornaria um dos compositores e regentes mais festejados de seu tempo. Gustav Mahler apresentou sua segunda ópera, *Es war einmal*, de 1900, na Ópera Imperial de Viena. Além de ter sido professor de Alma Mahler e de Arnold Schoenberg, de quem se tornaria cunhado e amigo para sempre, ocupou postos importantes em Viena, Praga e Berlim. Isso, antes de ver-se obrigado a deixar a Europa, em 1938, por causa do nazismo. Morreu esquecido e na miséria, perto de Nova York. A revalorização de sua obra só se daria a partir da década de 70 do século XX.

Zemlinsky deixou oito óperas, três sinfonias – mais a Sinfonia Lírica, sobre textos de Tagore, que influenciaria o jovem Alban Berg –, muitas canções e farta música de câmara. Sua música revela o difícil equilíbrio entre o apego à tradição – Beethoven, Schubert, Mendelssohn, Brahms e Mahler foram os seus modelos – e a vontade de inovação, que o aproximou do fiel amigo Schoenberg. Escreveu, entre 1896 e 1936, quatro quartetos de cordas que denotam um extraordinário controle sobre as formas repertoriadas pela tradição e uma enorme imaginação, sobretudo no tratamento dado à harmonia.

O Quarteto de Cordas n.º 1, em Lá maior, *opus 4*, foi escrito rapidamente a partir de julho de 1896, sendo apresentado pela primeira vez em Viena em dezembro do mesmo ano. Seu

arcabouço formal adota o recorte tradicional em quatro movimentos, três deles escritos na consagrada forma-sonata. O amplo *Allegro* inicial divide-se em três partes de tamanho semelhante; está baseado em três temas principais, cada um deles comportando internamente três frases mais salientes. O clima geral, pelo melodismo, lembra remotamente Schubert. O *Allegretto* que vem em seguida, de sabor onírico, traz à baila harmonias arriscadas e cintilantes. Soou bastante moderno à época. O terceiro movimento, marcado *Breit und kräftig* (Largo e intenso) tem um caráter solene e gira em torno de reminiscências dos universos sonoros de Beethoven, Wagner, Brahms e Mahler. O final, um movimento *Vivace*, é acadêmico na exposição dos temas e inovador na sua manipulação da forma-sonata adotada. Denota, como os demais andamentos, um fascinante manejo de todos os elementos colocados em jogo no discurso sonoro.

**Ludwig van Beethoven** (1770 – 1827)

*Quarteto n.º 15, em Lá menor, opus 132*

Pela incomparável grandeza, o ciclo de dezesseis quartetos de cordas de Beethoven continua sendo tomado pela crítica e pelo público como o ponto culminante da produção musical do Ocidente nesse gênero. Como um todo, esse ciclo revela, por um prisma, as sucessivas etapas do desenvolvimento desse artista libertário e desbravador. Por outro prisma, esse *corpus* aponta para o posterior desenrolar dos fatos da própria História da Música, por assim dizer prefigurando a sua própria descendência. Esse monumento é todo ele marcado pelo desejo de pesquisa da parte de Beethoven, artista revolucionário e visionário que, no domínio do quarteto, mostra-se mais do que nunca um gênio na batalha permanentemente travada contra o academismo e a convenção reinantes em seu tempo.

O Quarteto n.º 15, em Lá menor, *opus 132*, pertence ao grupo dos cinco últimos quartetos de Beethoven e foi completado em 1825. O estilo tardio do compositor ganha aí a configura-

ção de uma pesquisa radical, de uma liberdade sem peias e de uma extraordinária audácia enquanto composição. Polifonias complexas, citações técnicas e expressivas desconhecidas até aquele momento e um tom extremado de dicção são algumas das marcas fundantes dessa e de outras obras pertencentes a esse seu período composicional. O *Assai sostenuto – Allegro* de abertura camufla uma forma-sonata com introdução ao acrescentar ao seu estranho recorte dois desenvolvimentos, em vez do único previsto pela tradição. O *Allegro ma non tanto* que vem em seguida é um *scherzo* de fragorosa vitalidade, no qual o compositor exhibe o seu lado de irreverente e rebelde “camponês”. O *Molto adagio*, discurso em várias partes e de dimensões ciclópicas, é um “cântico de reconhecimento oferecido à Divindade por um convalescente, no modo lídio”, como anotou o próprio artista na partitura. Depois dessas paragens cósmicas, o ouvinte é arremessado à realidade brutal, através de um *Alla marcia, assai vivace*. E a partitura é encerrada com um rondó transfigurado pela respiração sinfônica do *Allegro appassionato*, no qual os mais tímidos motivos mostram suas garras, ora de anjos, ora de demônios.

**Bedrich Smetana** (1824 – 1884)

*Quarteto n.º 2, em Ré menor*

Menino-prodígio de dons extraordinários, Smetana entretanto não conseguiu desenvolver plenamente a carreira que ele mesmo esperava. Patriota tcheco que viveu envolvido nas convulsões políticas de seu país, homem sensível que se viu na contingência de enfrentar as tragédias da surdez e da loucura, acabou por ser derrubado pelas adversidades. Entretanto, conseguiu deixar obra numerosa que, depois de sua morte, passou a ser encarada como generosos frutos oferecidos à posteridade pelo pai da música nacionalista de sua pátria.

Smetana entregava-se ao repertório sinfônico e operístico com frequência, tendo em vista a consolidação de uma linguagem nacional

diante do grande público. Só visitava o gênero camerístico em momentos de grande crise pessoal. E foi nessa circunstância que ele compôs seus dois quartetos – o primeiro, subintitulado Da minha vida, em 1784, o segundo, em Ré Menor, em 1882/83. Durante a década de 1870, ele vivera às turras com os dominadores austríacos, para os quais ele encarnava a figura de um revolucionário a ser contido, e com as autoridades locais de Praga, que viam nele um vanguardista cujos exageros seria preciso refrear. Na década seguinte, além da agora quase total surdez, ele passou a revelar os traços da loucura que o condenariam à internação em um asilo para alienados mentais.

Foi esse quadro o que viu nascer o Quarteto de Cordas nº 2, em Ré menor, obra de linguagem elíptica, prenunciadora da arte de um Wolff e de um Schoenberg. Este último, aliás, debruçou-se espantado sobre a partitura de Smetana, reconhecendo nela traços do *Opus 135* de Beethoven e o desenrolar não-cíclico do discurso, característica inovadora que iria interessar profundamente Janacek.

O movimento inicial do Quarteto em Ré Menor, um *Allegro*, é uma livre fantasia elaborada a partir de três temas básicos, contrastantes em tudo, no que toca aos contornos melódicos, às harmonizações e às suas configurações rítmicas. Tristeza, impotência, ira e resignação estão em seu campo semântico. Segue-se um *Allegro moderato* em Mi menor, no qual o refrão é uma polca lenta, que separa episódios contrastantes – uns dançantes, outros meditativos. Em vez do esperado *Adagio*, tem-se, então, um coral do qual participam os quatro instrumentos, em *fortissimo*, que restabelece o clima inquieto e instável do movimento inicial. O coração desse movimento, *Quasi marcia*, se justapõe sem intervalo às diferentes fases de um *Allegro non più moderato, ma agitato e con fuoco*. O *Presto* final dá a impressão de ser um moto perpétuo movido por algum engenho mecânico, gesto realçado pelo emprego inteiramente moderno do trítone, intervalo de quarta aumentada que será uma das marcas da Modernidade vindoura.

**Leos Janacek** (1854 – 1928)

*Quarteto de Cordas nº 2 –  
Cartas Íntimas*

Janacek teve uma trajetória artística incomum. Tendo estudado em Leipzig e Viena, fundou uma escola de órgão em Brno, ensinando ali durante todo um quarto de século. De início, suas obras seguiam os modelos nacionalistas de Smetana e Dvorak, mas, a partir de 1890, ele adquiriu uma linguagem muito pessoal, por assim dizer “realista”, na qual a observação direta do folclore da Morávia teve especial importância. Tornou-se subitamente célebre, graças à reapresentação de sua ópera *Jenufa*, em Viena, em 1916. O compositor ganhou um novo alento com isso e, além de outras oito óperas, acabou por nos deixar um catálogo no qual as partituras concebidas na velhice dão a impressão de ser obras de um artista jovem.

Grande renovador das músicas tcheca e eslovaca, foi assim tardiamente que a genialidade de Janacek recebeu o reconhecimento do público e da crítica, que por fim descobriram a sua efetiva modernidade. Vista hoje, a produção de Janacek continua a encantar por tudo o que ela contém de original. Ao mesmo tempo em que se abre para o Oriente e o Ocidente, ela transforma em concentradas metáforas sonoras algumas das preocupações nodais do homem contemporâneo seu.

A nova e exuberante floração artística que Janacek conheceu já idoso trouxe à tona o Quarteto de Cordas nº 2 – *Cartas Íntimas*, escrito em poucos dias entre janeiro e fevereiro de 1928. Era uma derradeira declaração de amor que o compositor fazia a Kamila Stösslová, sua última musa. Ela continua sendo uma partitura que exige especial concentração tanto para ser executada quanto para ser ouvida. O *Andante* inicial vive da vibração de motivos curtos e misteriosos, trabalhados em pauta rapsódica e responsáveis pela criação de todo um mundo de reticências. O segundo movimento, *Adagio*, alterna dois temas principais, ambos mostrados pela viola, em uma repentina calma sonora.

Em seu final reaparece, apaziguada, a trama temática inicial do *Andante*. Já o *Moderato* que vem em seguida se estrutura a partir do entrelaço de configurações sonoras extremamente diferenciadas, em um jogo de luz e sombra. O *Allegro* de encerramento, um rondó com passagens dançantes, deixa entrever paisagens sonoras diversificadas e banhadas ora pelo sol, ora pela lua, em uma espécie de epifania. Nele são citados temas retirados de duas óperas do autor – *Katya Kabanova* e *Da Casa dos Mortos*.

**Antonín Dvorak** (1841 – 1904)  
*Quarteto para Cordas n.º 12,*  
*em Fá maior, opus 96 – Americano*

Dvorak foi um dos principais compositores tchecos do século XIX. Pelo equilíbrio elegante de suas formas e pelo tom apaixonado de suas ricas melodias, mais de uma vez foi chamado de “um Brahms caloroso e meridional”. Vivendo em um dos últimos estágios do período romântico, foi exceção entre seus pares ao revelar em sua música, com frequência, otimismo e paz de espírito. Sua arte é uma aliança da vontade de erigir formas claras e lógicas e da necessidade íntima de impregnar esses arquétipos de sentimento nacional.

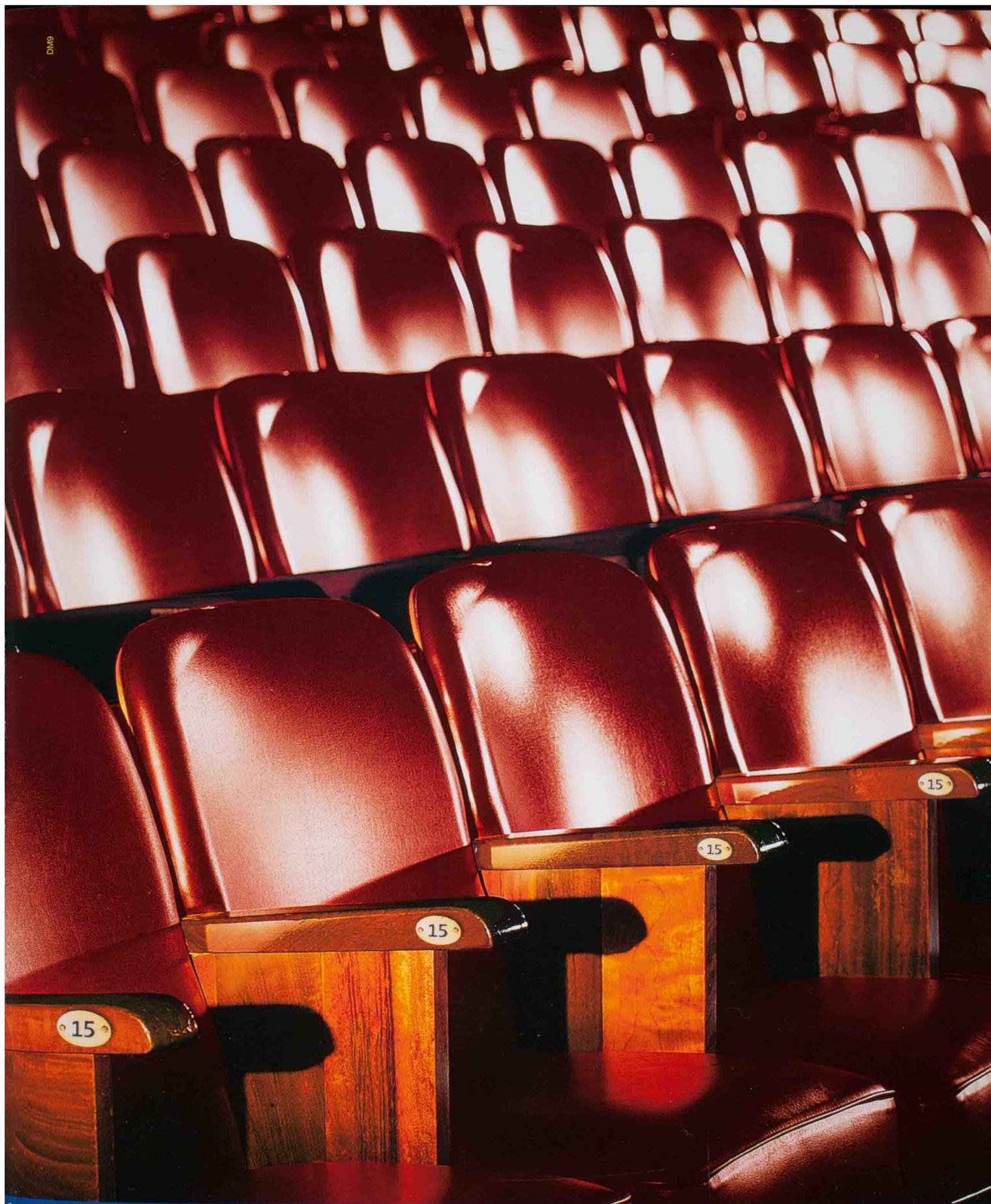
De início, Dvorak influenciou-se pelas ousadias harmônicas de Wagner e pelas propostas formais inovadoras de Liszt. Entretanto, na maturidade, acabou por optar por um quadro de referências mais clássico, elegendo Brahms como modelo e devotando enorme amor pelas obras de Mozart e Schubert.

O Quarteto para Cordas n.º 12, em Fá maior, opus 96 – Americano, foi escrito durante a primeira temporada que Dvorak passou nos Estados Unidos, iniciada em 1892. Permanecendo durante o verão do ano seguinte no vilarejo de Spilville, no interior do estado de Iowa, onde havia uma colônia de imigrantes tchecos, o compositor o colocou no papel ali mesmo, em poucos dias. Ele diria depois que pretendia que a partitura refletisse a alegria que sentia

diante da beleza do espetáculo da natureza. Seu apelido, Americano, deve-se à utilização, na obra, de escalas pentatônicas, a certos intervalos de sétima e a determinados ritmos sincopados – elementos comuns tanto à música tcheca quanto à americana, que o artista ouviu no Novo Mundo.

O *Allegro ma non troppo* inicial, em forma-sonata, conta com temas amplos, bem característicos do autor. O *Lento* que vem em seguida, em Ré menor, contém uma cantilena tão expressiva que alguns estudiosos colocam esse movimento entre os mais belos criados por Dvorak. No subsequente *Molto vivace*, repleto de síncopas agitadas, ouve-se o cantar de um sanhaço ouvido naquele verão. O movimento final, *Vivace ma non troppo*, possui caráter predominantemente dançante e alterna explosões de vitalidade a passagens banhadas em melancolia eslava.

Edição Rui Fontana Lopez  
Projeto gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L. de Almeida  
Textos Sociedade de Cultura Artística  
Tradução Eduardo Brandão  
Editoração eletrônica BVDA / Brasil Verde  
Fotolitos e impressão OESP Gráfica



O 15 de São Paulo patrocina a temporada de concertos musicais do Cultura Artística.

*Telefônica*



**Votorantim**

[www.votorantim.com.br](http://www.votorantim.com.br)